

APRESENTAÇÃO

Cleber Araújo Cabral (AEM-CELC/UFMG)

Ricardo Iannace (FATEC-SP)

Flavio García (UERJ)

Neste 2021, a *Revista Abusões* presta sua homenagem a Murilo Rubião (1916-1991), reunindo artigos e depoimentos que evidenciam a singularidade do nosso expoente da literatura do insólito, ou, se se preferir, do pirotécnico da ficção de vertente fantástica no Brasil. A data corresponde à efeméride dos 30 anos de morte do autor e celebra os 105 anos de seu nascimento.

Com a publicação em 1947 de *O ex-mágico*, obra inaugural, nasce uma recepção crítica que assinala a qualidade estética e a originalidade em enredos tomados de episódios inverossímeis. Tais vozes da crítica, que hoje representam um legado precioso – Álvaro Lins, Sérgio Milliet, Antonio Candido, Benedito Nunes e outros –, reconheciam na estrutura narrativa de Murilo Rubião um consórcio *sui generis* entre o rigor gramatical do relato e a extravagância inventiva na esfera do surpreendente. Esses críticos se aturdiavam com a natureza dos incidentes, a traduzirem experiências descompassadas com o estatuto da razão, ocorrências alegoricamente filiadas ao universo mágico, onírico, por isso à revelia do paradigma cartesiano.

É para uma errância do (im)possível que a escritura de Murilo Rubião aponta. Modulações tonais de escopo lírico e sinistro espraiam-se pela obra, emergindo dessa atmosfera fenômenos

incríveis: as metamorfoses de Teleco, em “Teleco, o coelhinho”, a colorir um bestiário encantatório, mítico e com desfecho sombrio; a mutação física, hiperbólica, da esposa que engorda, no conto “Barbara”, em proporção à grandeza dos pedidos que dirige ao marido; a gravidez incontável que resulta, no conto “Aglaiá”, em trabalhos de parto sucessivos, dando à luz dezenas e dezenas de crianças numa só vez; o arranha-céu inexplicavelmente cortado ao meio em “O bloqueio”, tornando isolado e flutuante um dos andares do prédio; afora, em “O edifício”, o hasteamento interminável, à semelhança da torre de Babel.

Fabuloso, de fato, é esse *tropos* do exagero, que se arma em entrecos sucintos, ou seja, formas breves em vernáculo preciso. Aliás, um aspecto sempre lembrado por amigos e estudiosos do escritor é o perfeccionismo. Ele preferia reescrever suas intrigas a investir em novas histórias. São trinta e três contos publicados (trinta e dois, em vida; um, apenas, veio a lume em 1998, passados sete anos de seu falecimento); mais recentemente, o selo editorial da contística de Murilo Rubião é da Companhia das Letras.

Assim, ao propor este número, busca-se não apenas homenagear o autor de “O ex-mágico da Taberna Minhota”, mas, sobretudo, fomentar a reatualização da fortuna crítico-interpretativa rubiana. A partir desse gesto, foram reunidos artigos e depoimentos em que leituras da memória (depoimentos) e memória das leituras (artigos) expõem um exercício de escuta e de reescrita da ficção, da vida e da crítica literária dedicadas à obra de Rubião.

Os dezesseis textos apresentados neste número expõem, sinteticamente, uma questão geral que se desdobra em três aspectos.

A questão se abrevia nesta pergunta: “como ler, hoje?”. Já os aspectos abarcam: o arquivo do escritor; a fortuna crítica, composta pelas diferentes leituras construídas a partir e em torno da ficção de Rubião; o leitor visto como herdeiro, isto é, aquele que não apenas recebe e conserva uma herança cultural (no caso, o arquivo de Murilo Rubião, sua ficção e sua fortuna crítica), mas que escolhe receber essa herança para reordená-la, a fim de deslocá-la, remetendo-a a outros destinos.

Os artigos podem ser lidos como dois conjuntos. No primeiro, empreende-se a revisitação de leituras críticas dedicadas à literatura rubiana. Nesses textos, são abordadas questões como: o ato da reescrita e a opção pelo fantástico; o lugar ocupado por Murilo Rubião na crítica e na historiografia literária brasileira; a figuração de personagens-títulos e sua relação com procedimentos discursivos; a observância da presença de referências e simbologias míticas mediante análise de procedimentos linguístico-temáticos relacionados à estética do fantástico; a lei implacável que determina a natureza absurda dos acontecimentos a que estão sujeitas essas personagens.

No segundo, são apresentadas perspectivas interpretativas outras, pautadas por: aproximação entre literatura e antropologia, em face da investigação das formas de humanidade acionadas pela animalidade; leituras comparativas, em que ora a ficção de Rubião é relacionada às artes plásticas e visuais, ora à literatura de outros escritores, como Rosário Fusco; além da exploração do arquivo e da correspondência rubianos, espaços de descoberta, reinvenção e ficcionalização dos ofícios do escritor e do escrever.

Por fim, não poderíamos finalizar esta Apresentação sem mencionar os cinco depoimentos, gentilmente concedidos para este dossiê por amigos e pela sobrinha do escritor. Sílvia Rubião abriga na memória imagens vinculadas a cenas alegres de família: ora a menina que assistia, em ocasiões especiais, a desembarques do tio no aeroporto da Pampulha – ele, afetuoso, tirava das malas inúmeros e variados presentes; ora o tio interlocutor, com quem se fala sobre a carpintaria poética; mais tarde, o tio vizinho de apartamento, a promover, vez ou outra, festas que atravessavam madrugadas.

Quanto às recordações emitidas pelos ex-companheiros de trabalho de Murilo, convergem para o retrato de um perfil generoso do mestre comprometido com a divulgação da boa literatura. Assim se caracterizam as palavras daqueles que estiveram lado a lado com o escritor no Suplemento Literário de Minas Gerais – Humberto Werneck e Jaime Prado Gouvêa. Ambos recuperam o ar sério, e não menos simpático, do cinquentão que figurara àquela rapaziada como autoridade, apostando no talento do grupo e driblando com dignidade a censura que batia à redação do jornal naqueles tempos difíceis de ditadura militar.

Sua amiga, professora Vera Lúcia Andrade, importante estudiosa e responsável pelo estabelecimento dos textos de *Contos reunidos*, reporta-se ao encontro casual com o autor à porta de um teatro e, sobretudo, ao seu árduo trabalho por ocasião da chegada do espólio de Murilo ao Acervo de Escritores Mineiros, espaço situado no terceiro piso da Biblioteca Universitária Central da Universidade Federal de Minas Gerais. Some-se a essas ricas recordações o testemunho de Jiro Takahashi, seu editor na Ática, que revela as conversas promissoras, decorrentes do traslado de

São Paulo a Belo Horizonte, quer no Bar Lua Nova, que funcionava dentro do Maletta, quer na residência de Murilo na Rua do Ouro. Logo, um desafio se cumpria: “convencê-lo a aceitar o risco da tiragem de 30 mil exemplares para a primeira edição de uma seleção de seus contos”, à época em preparo.

Desse modo, ao fazer este número de *Abusões* chegar às suas mãos, entregamos um convite, tal como aquele recebido pelo protagonista do conto “O Convidado”, no qual poucos detalhes são expostos. Esperamos que as páginas deste periódico não só instiguem os leitores a reler a obra rubiana, mas os estimulem à reescrita dessa herança literária.